

Os vestígios do trauma: herança colonial em Lia Gabriel

Leoné Astride Barzotto¹

Dejair Dionísio²

Flavieli Arguelho Vilarba³

RESUMO

O presente trabalho traz uma análise do conto “Lia Gabriel”, de Conceição Evaristo, publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016). Tem por objetivo descrever a relevância da literatura afro-brasileira na representação do povo negro enaltecendo sua cultura, história, memória e cosmologia. Para isto, com base na metodologia bibliográfica foi descrito o processo de colonização para contextualizar os vestígios na opressão do negro brasileiro, depois, fomentou-se sobre literatura negra e seu papel de resistência e rememoração da ancestralidade e, por fim, a leitura do conto “Lia Gabriel” que sintetiza as discussões tecidas ao longo do artigo. Os aportes teóricos que sustentam a pesquisa são: SOUZA & LIMA (2006), DUARTE (2018); EVARISTO (2009); FANON (2008), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Literatura afro-brasileira; colonização.

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2008) assim como doutorado-sanduíche (CAPES) pela Indiana University at Bloomington, Estados Unidos (2007) e tem Pós-Doutorado em Literatura com estágio na Universidade da Califórnia em Berkeley (CAPES 2015-2016). Email - leoneastridebarzotto@gmail.com

² Pós-doutor do Programa de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2014). E-mail - dejair.dionisio@gmail.com

³ Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados-MS. E-mail: fvilarba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo em questão pretende apresentar a literatura de Conceição Evaristo a partir da leitura do conto “Lia Gabriel”. Utilizando da arte representativa da escritora mineira, é exposto neste trabalho como o processo colonial, que arrancou negros de vários lugares da África e os escravizou, deixou uma herança de subjugação a este povo. O conto de Conceição Evaristo (2016) retrata não apenas o cenário contemporâneo das mulheres afro-brasileiras, sendo possível visualizar os vestígios da exploração perpetuada pelas classes dominantes que encarceram, sexualizam e oprimem os negros e negras do Brasil.

O texto selecionado foi publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), onde contém um compilado de contos os quais carregam as vozes de protagonistas negras e essas relatam suas histórias, vidas e memórias dando forma a literatura da obra. A autora, doutora em literatura comparada, é aporte também para desenvolver a análise pretendida neste artigo.

Dessa forma, o artigo se desenvolverá em uma linha de raciocínio que permite compreender o colonialismo e a sua herança no sistema vigente atual e, para isto, o pensamento de Conceição Evaristo acerca de Literatura afro-brasileira auxiliará para desvendar a escrita literária em “Lia Gabriel”, bem como contribuir a respeito de ancestralidade, memória, história e o trauma do povo negro. Sistematizando a literatura negra como uma base de cultural popular representativa do dia a dia daqueles que foram/são explorados e marginalizados pela estrutura capitalista, indo, portanto, para além de uma escrita de denúncia, como também alcançando o caráter de arte popular que reverbera a força, permanência, sobrevivência, resistência e quebra das correntes que sujeita os negros.

Por isso, ponderando a colocação do professor Sérgio Paulo Adolfo: “o papel da crítica é dizer o que não foi dito na obra, mas foi criado pelo autor da obra na elaboração da mesma” (2012, p. 9), escrita no prefácio do livro *A ancestralidade no centro da narrativa em Lueji de Pepetela*, utilizar-se-á esse apontamento a respeito da crítica como um guia para analisar a literatura de Conceição Evaristo (2016). A análise foi dividida em duas etapas: primeiro, trazer as abordagens teóricas sobre literatura negra e segundo, conduzir uma leitura sobre o conto retomando a colonização e suas heranças.

2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura brasileira possui diversos movimentos literários com características próprias, no entanto, carrega em sua formação grande influência europeia, principalmente de Portugal. Este vínculo literário com o país europeu está atrelado justamente por conta da colonização, cujo o maior reflexo é o português como língua oficial do Brasil. Essa presença é muito forte na literatura, à proporção que, ao observar os enredos das narrativas é possível perceber que muitas das representações de nossas personagens fora baseado na perspectiva do colonizador. À vista disso, muitas delas apresentam uma construção feita com

base em diversos estereótipos preconceituosos direcionado as personagens negras, mulheres e indígenas.

Os negros sofreram a escravização de modo mais profundo. Achille Mbembe em *Crítica da razão negra* (2018) descreve sobre a comercialização dos sujeitos retirados da África para o trabalho forçado: “Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja a carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital” (p. 21). Dessa maneira, o movimento da literatura afro-brasileira surge como derrocada da história oficial – eurocêntrica – para conceber um movimento literário que apresente os negros e negras brasileiros pela memória de luta, portanto, descortina as atrocidades cometidas pelos senhores de terra na escravização e as opressões mantidas e financiadas pelo Estado. O livro *Ancestralidade Bantu na Literatura Afro-Brasileira: reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo* (2013), o teórico Dejair Dionísio (2013) retrata sobre a essência da literatura negra ponderando a arte como fortalecedora da identidade dos negros.

Nesse sentido, essa literatura suplementar aponta para novas possibilidades que não precisam ser fixas, mas que buscam particularizar um diálogo com o passado e a comunidade afrodescendente e que, fatalmente, conduzirá à afirmação de sua identidade (DIONÍSIO, 2013, p. 17).

É preciso observar que a literatura, por conta do passado de influência europeia, criou um “cânone” de representação da arte escrita brasileira. No entanto, as obras contidas na categoria de “grandes clássicos” são em sua esmagadora maioria de homens brancos e de poucas mulheres de mesma cor. O teórico Eduardo de Assis Duarte (2019) desenvolve em seu artigo “Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade” sobre a construção das personagens negras na literatura e demonstra como os estereótipos sobre as mulheres negras seguem um longo processo de estigma: “No plano literário, o avatar erótico da ‘mulher de cor’ surge reencarnado em diversos momentos do romance brasileiro do século XIX”, textos que ligam a mulher negra a servidão tanto de trabalhos braçal quanto sexual. Os poucos negros reconhecidos no cânone como, por exemplo, Machado de Assis, muita das vezes é representado como se fosse branco, em consequência, nega aos negros e negras brasileiras o reconhecimento com a literatura produzida no país. As teóricas Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006) refletem no livro *Literatura afro-brasileira* sobre as questões de exclusão incorporada na arte literária.

Essas discussões são importantes para que possamos compreender os mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade. Por exemplo, quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados do “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos

inferiorizastes como a sociedade a percebe (SOUZA & LIMA, 2006, p. 13).

Por conseguinte, a literatura negra desmembra os estigmas colocados nas personagens e desenvolve a cultura e cosmologia abrindo espaço de representação que abrange a real historiografia negra. Por isso, dar voz aos homens e mulheres negras é permitir entoar o canto cultural existente no território nacional. Importante salientar que a ruptura com a literatura estereotipada, cujo o papel tem sido de inferiorizar os negros, só ocorre com a ascendência de escritores negros e negras.

No artigo “Escrevivência da Afro-brasilidade: história e memória”, de Conceição de Evaristo (2008), a escritora tece sobre a natureza narrativa do escritor negro. Aponta a inspiração desses escritores atrelada às experiências individuais e coletivas que são codificadas para escrita literária ficcional, embora, ligada diretamente ao real e material.

Tanto o passado remoto, como o passado recente, assim como o cotidiano, a matéria do hoje e do agora, tudo tentará preencher as ausências premeditadas e apagar as falas distorcidas de uma narrativa oficial, que poucas vezes se apresenta sob a ótica dos dominados (EVARISTO, 2008, p. 2).

Prontamente, configura-se uma literatura de regresso. Esse movimento busca alcançar a história para além da escravidão, de maneira que resgate a África e suas ancestralidades com o intuito de dar nova identidade de origem ao negro brasileiro, identidade que fora negada pela história.

Se a fala do colonizador de ontem perpetua em expressões como descobrimento, conquista, selvagens, revelando uma história concebida por um olhar etnocêntrico e eurocêntrico, há um discurso poético, que imagina outra história, outro destino para os africanos que foram trazidos e escravizados nas Américas. Afirma-se a poética de uma memória recriada, reinventada e que busca refazer o caminho de volta à África, reencontrar os primeiros africanos chegados ao Brasil, construir heróis segundo outro entendimento da história e resgatar da tradição negro-africana um repertório de signos próprios para a sua poética (EVARISTO, 2008, p. 3).

É evidente que a literatura negra, que protagoniza o negro, é constituída também como uma conquista das lutas dos movimentos antirracistas. Essas lutas eclodem no século XX e constroem uma mudança no cenário da arte escrita, formam de fato uma literatura afro-brasileira com personagens que enaltecem a memória, cosmologia e fazem denúncia das condições do povo negro no Brasil.

3. LIA GABRIEL

O conto “Lia Gabriel” foi publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo (2016), narra a história de Lia, mulher negra e mãe de três filhos. O conto inicia em primeira pessoa, a personagem conta sobre quando descobriu que seu filho mais novo sofria de esquizofrenia e desencadeia neste começo de relato, todo o trajeto que centrará a história-narrada.

A voz narrativa em primeira pessoa, narrador autodiegético, sendo quem narra sua própria história, permite uma aproximação ao relato, pois constrói de forma palatável a dor transmitida pela narradora. Traz, assim, seus traumas e angustias com uma voz ativa e dominante dentro do enredo. A personagem Lia Gabriel narra pela perspectiva feminina, dessa forma, marca a forte presença feminina e negra nas linhas escritas. Seus filhos e outros personagens são descritos a partir do olhar de Lia, uma vez que a narrativa segue primordialmente em discurso direto livre.

As características básicas do conto evidenciam o estilo da escrita permitindo enxergar a força da memória que se destaca durante toda a leitura da narrativa. Evaristo (2008), introduz como relatar a memória é um processo árduo de compreensão da história porque ambos elementos – história e memória – formulam base para a construção da literatura, embora, mesmo sendo ficcional abarca a poética real da existência do negro brasileiro.

Navegar nas águas da memória é enfrentar as correntezas do mistério, do não provável, do impreciso. Entretanto, História e memória se confundem como elementos constitutivos de vários textos da literatura afro-brasileira. Como fenômenos distintos se entrecruzam, se confrontam, se complementam, ou mesmo, substituem um ao outro. Vários são os textos em que a memória, recriando um passado ocupa um espaço vazio, deixado pela ausência de informações históricas mais precisas. E esse passado recriado passa ser a constantemente amalgamado ao tempo e à história presentes (EVARISTO, 2008, p.1).

O conto descreve o comprometimento da mãe em encontrar ajuda ao seu filho, Máximo Gabriel, diagnosticado com esquizofrenia e sua árdua caminhada também para sustentar sozinha as três crianças. “Lia Gabriel”, descreve a dura e violenta relação com o filho, mesmo que o menino não agredisse nem a ela ou as irmãs, sua raiva contra seu próprio corpo era incontrolável, ele “jogava-se no chão, às vezes repetidamente, por nada ou por algum desejo contrariado” (2016, p. 97). Conta ainda mais sobre seu desespero quando a esquizofrenia surgia: “Nesses momentos de raiva incontida, batia com a cabeça na parede, arrancava os próprios cabelos, puxava os lábios, o nariz, as orelhas, mordia si próprio, se autoflagelando” (2016, p. 97).

Com o agravar da saúde de Máximo Gabriel, Lia resolve procurar outra médica e inicia um tratamento, que sob orientação prescrita, afasta o menino dela e das irmãs. Por conta disto, a médica descobre que a esquizofrenia de Máximo surge de um trauma passado, sendo este que desenvolve seus medos e o leva ao comportamento violento em suas crises. “Lia Gabriel” narra, então, o

episódio que evoca os traumas de seu filho. “Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso perguntando do almoço. Assentada continuei e respondi que estava no micro-ondas, era só ele ligar” (2016, p. 101). Aqui é descrito o marido de Lia, narrando em *flashback*, diz o que desencadeou todas as dores no percurso das personagens.

Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emití um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho nos braços, que já sangravam. Começou, então, nova seção de tortura. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo (EVARISTO, 2016, p. 102).

A descrição amarga da violência cometida pelo pai das crianças é o motivador que leva o menino a desenvolver o trauma e a agressividade, assim como, o desejo matar o pai. A ligação com o passado, no conto de Conceição Evaristo (2016), demonstra a existência de uma linha que liga constantemente passado e presente, linha essa sustentada pela memória que traduz o comportamento dos sujeitos no decorrer de suas vidas. Dionísio (2013) traz uma contribuição acerca deste pensamento formulando que “a memória, como máquina mental de cada sujeito, não pode ser controlada pelo indivíduo. Independentemente da vontade do sujeito, ela é acionada, fazendo surgir as recordações [...]” (2013, p. 30). Dessa forma, mais afundo do que se imagina as raízes do trauma alcançam e determinam os indivíduos na sua própria identidade e compreensão do mundo.

O capítulo “Trauma e memória”, de Wilberth Salgueiro, publicado no livro *Em torno da memória: conceitos e relações* (2017) discorre sobre o conceito de trauma. O teórico aprofunda suas questões expondo que os sujeitos, que passam por uma situação traumática, retomam essas dores por meio da memória, no entanto, esses episódios que formam lacunas, como formula Salgueiro, muitas das vezes ditam o comportamento ou personalidade ou a própria relação de identidade dos sujeitos. Por conseguinte, há um processo de ressignificação com a linguagem, que almeja lapidar esse trauma, à medida que busca compreendê-lo.

Sendo um passado que não passa, o trauma é, no entanto, atualizado a cada vez que, pela memória, vem à tona. Os traços nebulosos e lacunares do trauma ganham guarida no movimento da rememoração, também pleno de rasuras e incompletudes. O trauma rememorado se faz via linguagem, que tenta entender aquilo que, repetidamente, repele (SALGUEIRO, 2017, p. 358).

Posto isto, temos então um trauma presente na vida da família de Lia, cuja as marcas ecoam em seu filho. A memória surge aqui como um vestígio que faz um elo entre a violência e o pai. Esse comportamento opressor do marido na narrativa, é uma reprodução do rastro deixado pela experiência da colonização, uma vez que reproduz a lógica mais primitiva do patriarcado enxergando a mulher como uma propriedade privada, sob a qual, possui o total domínio. Essa lógica de sujeição do corpo feminino é atrelada ao pensamento feudal, herança deixada pelo colonialismo e mantida pelo capitalismo, porque reproduz a essência colonial de controle e falso senhorio, dando vazão ao imaginário que a mulher é um objeto. O elemento de narrar em *flashback* confirma a rememoração de um vestígio do passado, este trazido à tona por meio da linguagem, assim, permitindo o enfrentamento do trauma.

Zilá Bernd, em “Vestígios/rastros memoriais” também publicado no livro *Em torno da memória: conceitos e relações* (2017), vai retomar as teorias de memória trabalhadas por Walter Benjamin, no intuito de consolidar o pensamento a respeito da importância da voz dos que foram marginalizados pela história. Benjamin vai trazer os rastros como uma arma fundamental para esses sujeitos exporem suas dores e contraporem os silêncios de suas próprias histórias. Bernd introduz esse pensamento para pontuar que os vestígios, resgatados por uma historiografia, propiciam espaços para as memórias dos sujeitos que não possuem espaços na História oficial.

Para Benjamin, a importância de rastros, insignificantes para a maioria, pode levar à valorização de pessoas de menor importância na escala social sobre as quais não há registros historiográficos, iluminando, assim, a partir de um outro ponto de vista, aspectos da história descurados pelas elites dominantes. (BERND, 2017, p. 377)

Na literatura brasileira, como já dito, as representações dos negros eram munidas de estereótipos, todavia, com o ingresso de mais obras escritas por negros e negras surge os rastros nas narrativas dessas personagens, logo, formam memórias de dores e resistências construindo personas com papel ativo e transformador. O artigo “Gênero e violência na literatura afro-brasileira”, de Constância Lima Duarte (2018), aponta necessidade de a realidade cotidiana da mulher aparecer na literatura nacional, uma vez que “[...] a submissão e resistência sempre fizeram parte da vida das mulheres, mesmo agora, quando o cotidiano é invadido por notícias de espancamentos, assassinatos, abortos clandestinos, jovens vivendo décadas enterradas em porões, à mercê da sanha animal de um homem.” (2018, p. 01). A literatura afro-brasileira protagoniza a mulher negra direcionando a poética de suas narrativas do que emerge das experiências, suas memórias individuais e coletivas, com isso, forjando, via literatura, a linguagem da representação do povo negro com a denúncia e o revide. No artigo, “A fé como estratégia cultural libertador”, Leoné Barzotto (2011) sintetiza essa discussão: “a literatura torna-se, assim, uma arma poderosa de contra-ataque que o sujeito do suposto ‘Terceiro Mundo’ percebe

ter em mãos pela qual expressa, na mesma medida, as estratégias de resistência e de revide [...]” (BARZOTTO, 2011, p. 5).

A personagem de Conceição Evaristo (2016) traz para a literatura a poética do afro, aponta contundentemente os vestígios de uma dor colonial, porém, as dores-histórias das mulheres não são traduzidas como submissão, mas sim como enfretamento. O enredo é construído em uma linha que mostra a personagem e seus filhos lutando contra a esquizofrenia, após a violência cometida pelo marido. Há, então, o relato já iniciado após o ato, por isso, a narrativa permeia a luta dessa mulher de destruir as amarras que a liga ao passado. Lia vira o meio de sobrevivência da família, não apenas no material, porém, sobretudo, como a força motriz que permite alcançar outros sentidos. Giselda Melo Nascimento (1998) escreve em “Um lugar para a escritura afro-feminina na configuração da Literatura Brasileira” sobre o novo papel que as personagens negras possuem na Literatura afro-brasileira (escrita por negros e negras) onde as mulheres emergem como narrativas de luta, resistência, memória e imponência contra a violência colonial.

E o que presenciamos é um eu-poético a vasculhar o tempo, a espanar as estereotípias petrificadoras, permitindo-nos entreouvir, através de sucessivas gerações de mulheres, conspirações de vozes sussurradas no avesso do afresco histórico, estabelecendo assim um contra-discurso provocador. Vozes mulheres, vozes estendendo-se como linhas invisíveis e invencíveis, passando por gerações histórias vivenciadas, por isso reais (NASCIMENTO, 1998, p. 17).

Existe, por meio da literatura, uma apresentação forte deste cenário opressor que vive a mulher negra e a arte escrita salienta a denúncia deste comportamento virulento, a qual aflige os negros e negras do mundo. Os dizeres de Frantz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas* (2008), avançam para pensar sobre o movimento de fortalecimento da cultura, ancestralidade e denuncia por meio da literatura afro-brasileira.

Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente (FANON, 2008, p.191).

Há, pois, neste movimento literário a história dos negros não apenas hoje, mas desde de sua saída da África. Contém na arte negra, a manifestação presente do popular por rodear e abranger todos este percurso de formação do homem negro e a mulher negra, moldando uma nova apresentação da arte popular. Tratar-se, por fim, da representação daqueles que estão presentes no seio do povo, os moradores e trabalhadores que compõem a maioria da população brasileira. Desse modo, temos o que o autor de a Ancestralidade “Bantu na Literatura Afro-Brasileira: reflexões sobre o romance Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2013), o professor Dejour Dionísio coloca ser o

movimento em que a “ [...] a escrita literária é assumida e passa a ser utilizada para expressar outro modo de conceber o mundo” (2013, p. 24).

Portanto, é necessário que a literatura negra, assim como em “Lia Gabriel” de Conceição Evaristo (2016), denuncie as práticas que acorrentam o negro em uma condição de inferior e entoe a luta de resistência por meio da literatura afro-brasileira, pois, Conceição Evaristo (2008) em sua análise sobre memória e história define que “história e memória não são construções inocentes. Ambas podem determinar e cumprir objetivos” (2008, p. 9). É preciso valorizar a ancestralidade negra no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura negra demonstra a verdade de um povo que foi escravizado e a cultura resistente do seu lugar de origem, África. Desse modo, uma arte que represente a memória dos heróis do povo negro é fundamental para o incorporamento da identidade de raiz africana. No texto “Escrivência da Afro-brasilidade: história e memória” (2008), Evaristo pontua isso:

Ao se observar a resistência da tradição cultural negra e a sua reelaboração, a sua reterritorialização no Brasil e outros países da diáspora africana, percebemos o caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade (EVARISTO, 2008, p. 4).

Logo, temos a forte manifestação da memória e história do povo negro presente no conto “Lia Gabriel”, sendo os vestígios da imposição colonial sobre a mulher negra. O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) é escrito em forma de relatos onde as personagens principais, todas mulheres, narram episódios de sua vida para uma ouvinte catadora de histórias.

A obra de Evaristo carrega em si as marcas da narração oral, justamente, pelo caráter onde as personagens são quem contam suas narrativas e isto formula o enredo do livro. O nome dessas mulheres, dão os títulos de cada conto construindo uma espécie de diário narrado. Evaristo complementa em seu artigo que a natureza de narrar histórias é própria do negro, pois, essa é uma herança vinda junto com a diáspora: “Essa prática social, responsável por soldar gerações diversas dentro e fora da África, acompanhará o homem africano na diáspora, onde o gesto de contador de histórias será repetido no novo território” (2008, p. 7).

Por fim, a memória na literatura negra carrega a marca da história do povo e, a partir dela, pode ser concebida uma identidade que aproxime os negros à sua cultura de origem, esta que a história oficial lhes negou e vem, ainda, negando. Com isto, será possível ter uma compreensão dialética e material do funcionamento da própria sociedade atual e poder avançar nas lutas antirracistas, apegando-se à arte de seu povo.

REFERÊNCIAS

- BARZOTTO, L. A. A fé como estratégia cultural libertador. *XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros - Ética, Estética*. Curitiba – UFPR, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0884-1.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2019.
- BERND, Zilá. Vestígios/rastros memoriais. In.: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (orgs.). *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017, p. 375-382.
- DIONÍSIO, D. *Ancestralidade Bantu na literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- DUARTE, C. L. *Gênero e violência na literatura afro-brasileira*. Belo Horizonte: Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 05 de agosto de 2019.
- DUARTE, E de A. *Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, 2019. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/149-eduardo-de-assis-duarte-mulheres-marcadas-literatura-genero-etnicidade>. Acesso dia 05 de agosto de 2019.
- EVARISTO, C. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.
- EVARISTO, C. *Insubmissa lágrimas de mulheres*. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FANON, F. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Traduzido por Sebastião Nascimento. – São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENDES, A. C. D. *A ancestralidade no centro da narrativa em Lueji de Pepetela*. Dourados-MS: ed. Niconor Coelho, 2012.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Grandes Mães Reais Senhora*. In Signum: estudos literários. Londrina: EdUEL, 1998.
- SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e memória. In.: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (orgs.). *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017, p. 357-364.
- SOUZA, F.; LIMA, M. N. *Literatura afro-brasileira*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.